

**ENVELHECIMENTO EM MEIO RURAL:  
ESTUDO DAS REDES SOCIAIS SOCIAIS DE SUPORTE DOS IDOSOS  
A USUFRUIR DE SERVIÇO DE APOIO DOMICILIÁRIO, NO CENTRO  
SOCIAL E POLIVALENTE DE EGA**

**Marta Carolina Fonseca**  
*FPCEUC*

**Resumo:** O presente estudo tem por objetivo principal caracterizar, analisar e avaliar as redes de suporte social dos utentes a usufruir dos SAD do CSP Ega, tendo como população-alvo 35 utentes da referida resposta social, tendo sido selecionada uma amostra de 16, com base em critérios como a representatividade das localidades da freguesia, do género e do estado civil dos utentes. A metodologia utilizada foi a entrevista semiestruturada em regime presencial, no domicílio dos utentes. Estas foram analisadas de forma qualitativa, tendo por base a bibliografia estudada no enquadramento teórico, onde se apresentam conceitos como o de envelhecimento, Família, Redes de Suporte Social (e a este subjacentes), entre outros. Para tal, recorreu-se a autores como Ribeirinho (2005), Sluzki (citado por Guadalupe (2000)), Araújo (2010), entre outros.

Assim, avaliaram-se os resultados numa perspetiva global, concluindo-se que estes idosos têm, na sua generalidade redes de suporte social pequenas em tamanho e bastante coesas (no que diz respeito à sua densidade), verificando-se alguns casos de dispersão geográfica e de heterogeneidade entre os elementos, bem como uma grande força das relações familiares.

Por último, conclui-se que se por um lado a coesão destas redes mostra os efeitos do meio rural no suporte dos mais frágeis, pode considerar-se que a heterogeneidade de valores, normas e crenças podem ser ponderadas como um exemplo dos efeitos da globalização, mesmo nos meios mais pequenos, aproximando os ambientes rurais dos urbanos, e criando por vezes conflitos com as gerações mais antigas, menos predispostas a estas perspetivas.

## Introdução

O presente relatório foi elaborado no decurso do Estágio II realizado no Centro Social Polivalente de Ega, no 7.º semestre do curso de 1.º ciclo em Serviço Social do Instituto Superior Miguel Torga, com a supervisão da Professora Doutora Dulce Simões e orientação da Dra. Anabela Monteiro.

O Centro Social Polivalente de Ega (doravante CSP Ega) é uma IPSS, que se situa na localidade de Ega, concelho de Condeixa-a-Nova, distrito de Coimbra. A sua intervenção é dirigida à comunidade em geral, em especial à população idosa, destinada à qual criou as respostas sociais Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário (designadas em diante de CD e SAD, respetivamente).

Os SAD prestam serviços como refeições diárias, higiene pessoal, higiene habitacional, entre outros, que as pessoas de idade avançada já não conseguem realizar por si só. É sobre estas medidas da não-institucionalização e sobre esta problemática da terceira idade que incide o presente estudo. Tendo em conta a permanência dos idosos em domicílio próprio até cada vez mais tarde, como se encontram as suas redes de suporte social, que construíram durante toda a vida, e que naturalmente tendem a diminuir com o passar dos anos? (Silva, 2014).

Araújo (2010) esclarece que o envelhecimento é “um processo universal, gradual, irreversível, inevitável e inerente à própria vida.” No contexto europeu, Portugal ocupa o sétimo lugar como país mais envelhecido, encontrando-se dentro da média comunitária, que tem vindo a aumentar nos últimos anos (idem). Tendo em conta esta situação, a autora refere a criação de políticas e medidas com o objetivo de manter os idosos no seu domicílio, realçando o “número significativo de pessoas idosas incapazes de satisfazer as exigências do autocuidado” (idem).

Por outro lado, e partindo da Teoria Geral dos Sistemas, Guadalupe (2010) define sistema como “conjunto de unidades em inter-relações mútuas que incluem simultaneamente função e estrutura”, realçando que todas as unidades se encontram interligadas de forma organizada. Segundo esta autora, a perspetiva sistémica é uma forma entender o mundo, articulando ainda aspetos de diversas áreas disciplinares. Pela relação que o Serviço Social tem com as relações humanas, por definição, revela-se prioritário para esta profissão ter em conta esta perspetiva. Assim, surge o conceito de Rede Social Pessoal, entendida como o conjunto de sistemas de relações que unem os indivíduos, assumindo diferentes formas conforme as pessoas em questão. Estas Redes podem ser caracterizadas tendo em conta as seguintes dimensões: Dimensão estrutural, que distingue as características de composição da rede, distribuição da rede por quadrantes e densidade da rede; a Dimensão funcional, que distingue as funções genéricas de suporte social (suporte emocional, suporte tangível e suporte informativo), as funções específicas do suporte social (companhia social, acesso a recursos e novos vínculos e regulação social), e outras características funcionais na avaliação do suporte social; por último, as Dimensões relacional e contextual, que distingue

as características sociodemográficas, homogeneidade e heterogeneidade, intensidade, duração e história do vínculo, stress e conflitualidade, dispersão geográfica e frequência de contactos;

É sobre estas medidas da não-institucionalização e sobre esta problemática da terceira idade que incide o presente estudo. Tendo em conta a permanência dos idosos em domicílio próprio até cada vez mais tarde, e partindo do pressuposto de que “a família é o elemento natural e fundamental da sociedade” (n.º3 do Artigo 16.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos), como se encontram as suas redes de suporte social, que construíram durante toda a vida, e que naturalmente ten

## 1. Objectivos de estudo

Como já foi referido anteriormente, este trabalho tem por finalidade estudo das redes sociais de suporte (formal e informal) dos utentes a usufruir dos Serviços de Apoio Domiciliário disponibilizados por esta instituição.

Deste modo, este estudo irá permitir compreender quais as principais barreiras à existência de redes sociais de suporte, e, como resultado, quais as principais consequências para o bem-estar destes indivíduos, tendo em conta as dificuldades e os problemas existentes e inerentes à idade desta população-alvo.

De notar que se privilegia sempre a visão do individuo acerca da sua própria rede de suporte, já que só este pode vê-la como um “sistema uno, inserido num sistema particular, que por sua vez está inserido noutros sistemas cada vez mais vastos, isto é, no domínio da complexidade e da multidimensionalidade” (Guadalupe, 2000, pp 26). Neste sentido, a visão deste é considerada a mais acertada para caracterizar a sua própria rede de suporte.

Definiu-se como objetivo geral “Caracterizar, analisar e avaliar as redes de suporte social dos utentes a usufruir de Serviço de Apoio Domiciliário, fornecido pelo Centro Social Polivalente de Ega.”. Os objetivos específicos passam por: identificar a idade, a naturalidade e género dos utentes; identificar e caracterizar o estado civil e agregado familiar dos utentes (redes de suporte primária); identificar e caracterizar redes de suporte secundárias; identificar eventuais alterações nas redes de suporte social no passado recente do(a) idoso(a).

## 2. Materiais e métodos

Tendo em conta os objetivos apresentados, elaborou-se a seguinte pergunta de partida, de modo a orientar a investigação: “Como é constituída e que impacto tem a rede social de suporte dos idosos a usufruir de Serviços de Apoio Domiciliário?”

A população-alvo do estudo foram alguns dos utentes a beneficiar de

Serviços de Apoio Domiciliário, resposta social disponibilizada pelo Centro Social Polivalente de Ega. Neste caso, trata-se de uma amostra de 16 indivíduos, na sua maioria idosos, com idades superiores a 65 anos.

### 2.1. Instrumentos para recolha e análise da informação

Os dados para este estudo foram ser recolhidos através do método de entrevista semidiretiva, em modo presencial, no domicílio dos idosos.

Este método afigurou-se-nos o mais adequado no sentido em que, segundo Quivy (2008), permite perceber as leituras, opiniões e experiências vividas pelos entrevistados, tendo uma noção mais real das situações, bem como dos sistemas de valores e das relações implicadas. Das duas variantes existentes (semidiretiva e centrada) escolheu-se a primeira no sentido em que se revela a mais pertinente; ainda segundo Quivy (2008), através desta é possível conduzir a entrevista de modo a obter as respostas que se pretendem, deixando o interlocutor exprimir-se livremente e expor mais facilmente os seus valores, as suas experiências e as suas emoções.

O tipo de estudo é descritivo, de natureza qualitativa. Assim sendo, segundo Turato (2005), este estudo foca-se, essencialmente, no significado que os indivíduos atribuem a coisas concretas, bem como o processo da sua construção. Tendo especial atenção à vertente individual, (no sentido em que cada situação pode ter um significado diferente para cada pessoa), através da natureza qualitativa dos métodos é possível avaliar outros aspetos que transcendem os dados estatísticos ou as contabilizações matemáticas (que implicam métodos de natureza quantitativa). Torna-se assim possível avaliar as implicações que cada rede tem para cada indivíduo, bem como outros aspetos que contribuem para o seu bem-estar.

## 3. Principais resultados obtidos

As entrevistas permitiram concluir que os utentes escolhidos têm uma média de idades de 84 anos, estando estas compreendidas entre os 73 e os 98 anos. A faixa etária mais comum é a entre os 80 e os 89 anos. Quanto ao estado civil a amostra selecionada, 9 dos utentes são viúvos, 6 são casados e 1 é solteiro.

No que diz que respeito à composição das redes, todas as redes de suporte dos utentes entrevistados têm a maioria dos elementos no quadrante das relações familiares, sendo que 10 destas têm dois ou mais elementos no quadrante das relações comunitárias (que ocupa, de forma geral, o segundo lugar no que respeita ao maior número de elementos). A seguinte figura ilustra esta situação.

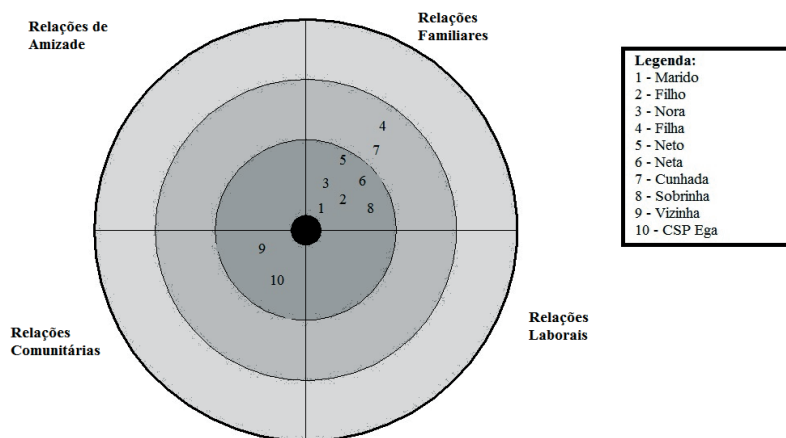


Figura 1 - Mapa de rede do sujeito 5.

Segundo Portugal (2006, cit in Silva, 2014), o quadrante das relações familiares surge como o que mais investimento merece por parte dos indivíduos, sendo que esta não é apenas uma característica portuguesa mas também de todos os países mediterrânicos (Portugal, 2006 cit in Silva, 2014).

No entanto, de todos os utentes entrevistados, apenas os sujeitos 7 e 11 mantêm relações de amizade, como se mostra nas seguintes figuras que representam os respetivos mapas de rede.

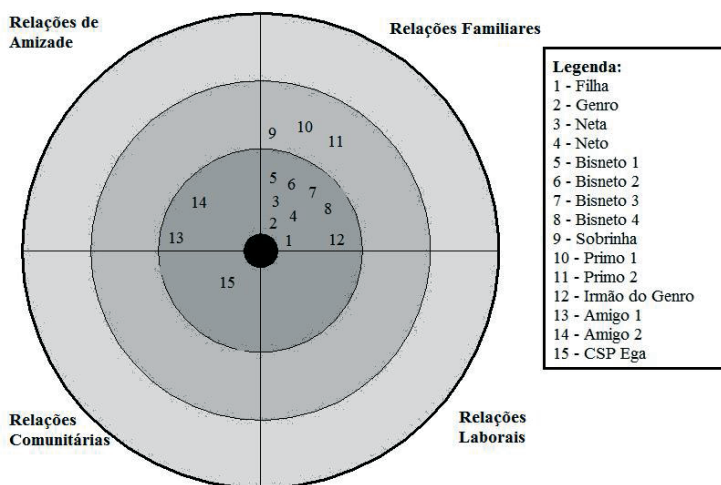


Figura 2 - Mapa de rede do sujeito 7.

O tamanho médio das redes de suporte dos utentes entrevistados é 11,2 elementos, sendo as duas maiores redes têm 19 elementos e a mais pequena tem apenas 5. Segundo Guadalupe (2010), estas são consideradas redes de tamanho pequeno, embora segundo Sluzki (1996 cit in Silva, 2014), as redes sociais pessoais tendem a diminuir com o envelhecimento, o que se deve à morte de alguns elementos, migração ou debilidade de outros, bem como à falta de motivação para ativar novos vínculos. Alguns estudos apontam para valores médios para o número de elementos de uma rede social pessoal de uma pessoa idosa, nos quais este estudo se enquadra: segundo FFMS (2013, cit in Silva, 2014), o valor medio de elementos das redes é entre 1 e 8 elementos, enquanto Daniel, Ribeiro & Guadalupe (2011, cit in Silva, 2014) apontam para 16 pessoas.

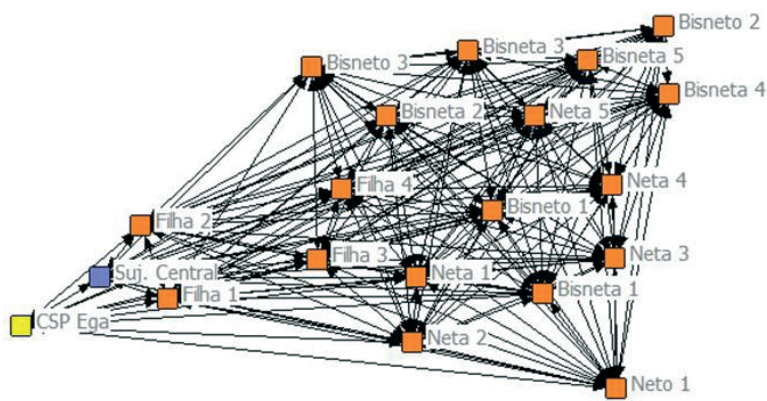


Figura 3 - Diagrama de densidade da rede do sujeito 2, a mais numerosa, obtido através do programa informático Ucinet.

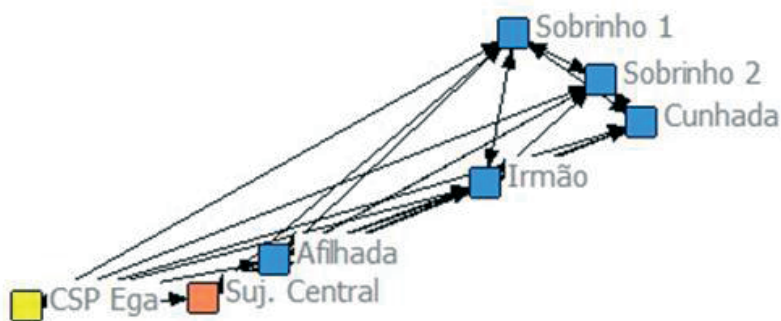


Figura 4 - Diagrama de densidade da rede do sujeito 10, a menos numerosa, obtido através do programa informático Ucinet.

Quanto á densidade, e maioritariamente devido ao ambiente que contextualiza esta investigação (meio rural), apenas uma das redes se pode considerar fragmentada, sendo que todas as outras são coesas. Este facto é igualmente constatado por Guadalupe (2010), que exemplifica uma rede coesa com a imagem de uma família alargada, contexto que também se verifica neste estudo. Estas redes apresentam a desvantagem do excessivo controle sobre os seus membros, facto que se exemplificou no sujeito 13 (cujo diagrama é apresentado em seguida), quando a utente refere que todos os amigos que tinham deixaram de se relacionar por esta não ter feito o luto do marido da forma que era esperado.

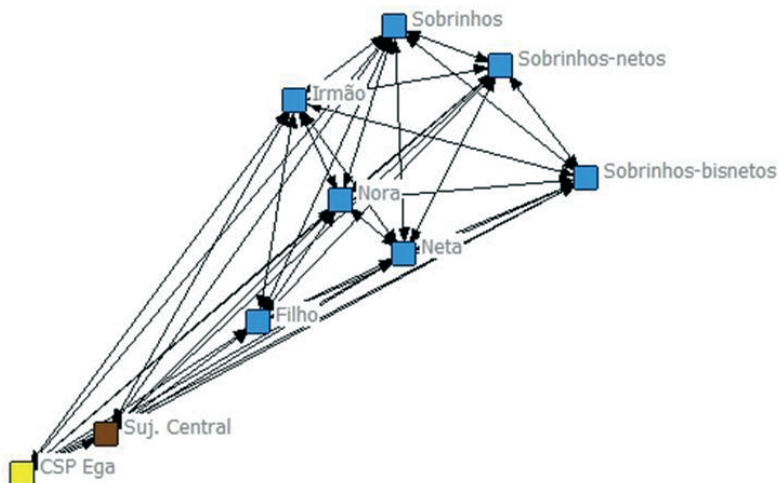


Figura 5 - Diagrama de densidade da rede do sujeito 13 obtido através do programa informático Ucinet.



No parâmetro da dispersão geográfica dos elementos não se verifica grande disparidade entre a existência ou não de dispersão geográfica, sendo 7 das redes analisadas se podem considerar dispersas e em 9 destas a dispersão não se verifica. Apesar do que foi referido por Guadalupe (2010), nem sempre a dispersão geográfica significa um maior afastamento relacional, como é o caso do sujeito n.º3. Esta premissa é também visível, embora de forma menos evidente, nos casos dos filhos sujeito n.º 6 e na sobrinha do sujeito n.º7, que apesar da distância, mantêm uma relação bastante próxima e forte com o sujeito central.

Por outro lado, apesar de serem as redes homogêneas a oferecer maior número de vantagens aos indivíduos, nem todas o são na população estudada. A maioria dos casos de heterogeneidade verificados nestas redes tem a ver com conflitos intergeracionais, comuns em todas as famílias.

Para além disso, verificam-se outras causas que levam à heterogeneidade e a conflitos entre os elementos de uma rede, entre eles: no caso do sujeito 5, em que a utente não concorda com escolhas que a Filha fez em relação à sua vida conjugal, o que levou a um corte relacional; nos casos dos sujeitos 6, 12 e 13 devido a conflitos de valores sociais, sendo que no caso do sujeito 6 este tem a ver com o facto de os valores defendidos em meio urbanos serem diferentes dos que são defendidos em meio rural.

Destacam-se ainda três funções principais assumidas pelas redes estudadas: apoio emocional, companhia social e suporte tangível, sendo esta última comum a todas as redes.

No caso do apoio emocional, este verifica-se em 5 das redes estudadas.

Por outro lado, a função de companhia social, em 5 casos é atribuída ao cônjuge, em 6 a vizinhos, 1 a filhos dependentes, 6 a filhos independentes e que não residem com o utente, e 2 a animais de estimação. No caso dos cônjuges e animais de estimação, Guadalupe (2010) destaca a importância destes elementos, o que se veio a verificar também neste estudo, comprovando a teoria anteriormente referida.

*“A Feliz é a minha companhia... Às vezes até dorme comigo na cama e vem aqui ter comigo ao sofá para se enrolar na manta. Toma banhinho todas as semanas e escovo-a todos os dias. O meu filho encontrou-a no cemitério quando era pequenina, não teve coragem de a deixar lá e trouxe-ma. É a minha menina!”*

– Sujeito 11 acerca do seu animal de estimação, que exerce a função de companhia social.

No que diz respeito aos atributos dos vínculos existentes, de uma forma geral considera-se que não se verifica reciprocidade no apoio prestado pelos filhos, menos no caso do sujeito 1, sendo que o 2 constitui um caso particular de coabitação com um descendente dependente. A elevada intensidade verificada com grande parte dos descendentes que evidencia, como refere Guadalupe

(2010), a intimidade da relação e o seu passado comum.

De salientar ainda o caso do sujeito 8, em que o atributo da intensidade da relação se verifica numa perspetiva negativa, dada a existência de uma relação conflituosa, como se pode ler na expressão que foi transcrita da entrevista realizada:

*“Oh os meus vizinhos fazem-me a vida negra, querem é ver-me morta! Só tenho ali uma com quem vou ter quando preciso de alguma coisa, mas é muito raro, ela é uma sovina e está sempre a ver se lhe dou mais alguma coisa! Mas embora que eu nunca lhe fiquei a dever nada!”*

## Conclusões

As redes de suporte social assumem um carácter familiar, sendo escassas as relações comunitárias e raras as de amizade, com uma média de 11,2 elementos por rede. Neste sentido, assumem a característica de redes de pequenas dimensões, embora com um tamanho dentro do comum tendo em conta a faixa etária (Sluzki, 1996 cit in Silva, 2014). Por sua vez, Silva (2014) afirma que “este familismo moral revela-se importante perante um Estado Providência que tende a ser menos protetor”.

À exceção de uma das redes analisadas, todas constituem redes coesas, típicas de ambiente rural, como exemplifica Guadalupe (2010), e trazendo consequências como o excessivo controle e elevada pressão social sobre os indivíduos. Este aspeto trás, por vezes o efeito contrário ao pré-concebido: ao não corresponderem às expectativas da comunidade, os indivíduos “caem” no isolamento social, ao contrário do apoio forte que poderia receber deste tipo de redes se correspondessem às suas expectativas.

No caso da dispersão geográfica dos diferentes elementos, este estudo mostra que o facto de os diferentes elementos se encontrarem afastados não significa linearmente que falte apoio aos mais vulneráveis, já que numa das redes analisadas, o elemento que mais apoio presta não é o mais próximo, sendo que noutra, um casal aparentemente sozinho tem visitas regulares e telefonemas diários dos dois filhos, que lhes garantem todo o suporte necessário.

Este estudo mostra ainda que nem todas as redes estudadas são homogéneas, constituindo fontes de heterogeneidade os valores sociais defendidos pelos vários elementos, nas mais variadas dimensões. No que diz respeito às características estruturais, conclui-se que a versatilidade no apoio entre os indivíduos centrais e os seus descendentes é bastante baixa na grande generalidade dos casos, realçando-se ainda o papel de vizinhos e cônjuges no que confere à função de companhia social. Tal como refere Guadalupe (2000) o “estar com” assegurado por esta função pode ser atribuído tanto a pessoas como a animais de estimação (facto que se comprovou com o presente trabalho), sendo esta de elevada

importância para a população idosa.

O contacto direto com a população estudada foi sem dúvida uma mais-valia, que beneficiou o estudo realizado. Destacam-se ainda como potenciais deste estudo a metodologia adotada para recolha de informação. Tratando-se de uma entrevista semiestruturada, foi possível recolher mais informações do que as que era esperado, permitindo assim obter resultados diferentes. Este facto deve-se também, possivelmente, ao facto de maioria dos utentes entrevistados se ter revelado bastante conversador, não mantendo obstáculos à recolha de informação. Assim, as características sociais desta população revelaram-se também como uma mais-valia. Como obstáculo surgiu o facto de muitos dos utentes não terem uma ideia clara quanto a datas e idades, suas ou de familiares. No entanto, este ponto negativo acabou por não ter impactos muito fortes nos resultados obtidos, dado que a ligação que cada utente mantinha com cada familiar não estava inevitavelmente relacionada com a idade de cada um, ao contrário do que se pensou inicialmente.

Por último, é possível concluir que o meio rural se mostra uma mais-valia no suporte dos mais desfavorecidos, nomeadamente através da coesão das redes estudadas; no entanto, os efeitos da globalização fazem-se sentir, sobretudo, na heterogeneidade de valores, normas e crenças entre os elementos, o que aproxima as vivências dos ambientes rurais e dos ambientes urbanos, criando conflitos com as gerações mais antigas, menos predispostas à mudança.

## Referências

- Araújo, I. (2010). Cuidar da Família com um idoso dependente: formação em enfermagem. [Dissertação de Doutoramento] Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar - Universidade do Porto.
- Capucha, L. (s.d.). Envelhecimento e políticas sociais: novos desafios aos sistemas de proteção - Proteção contra o "risco de velhice: que risco? Faculdade de Letras da Universidade do Porto: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3736.pdf> obtido em 16 de junho de 2014.
- Carvalho, M. (2005). Uma Abordagem do Serviço Social à Política de Cuidados na Velhice em Portugal. CPIHTS. Carvalho, M. (2013). Serviço Social no Envelhecimento. Lisboa: Pactor.
- Direção-Geral da Segurança Social (DGSS). (2014). Proteção Social das Pessoas Idosas.
- D'Espiney, J. (2012). Esperança média de vida dos portugueses aumentou. Público.
- Guadalupe, S. (2000). Singularidade das redes e redes de singularidade - rede social pessoal e saúde mental. [Dissertação de Mestrado] Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga.
- Guadalupe, S. (2010). Intervenção em Rede. Serviço Social. Sistémica e Redes de

- Suporte Social. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Instituto da Segurança Social, IP. Complemento por dependência. Segurança Social: <http://www4.seg-social.pt/complemento-por-dependencia> Obtido a 12 de janeiro de 2014
- Instituto da Segurança Social, IP. Complemento solidário para idosos. Obtido em 01 de 06 de 2014, de Segurança Social: <http://www4.seg-social.pt/complemento-solidario-para-idosos>
- Instituto da Segurança Social, IP. Pensão de sobrevivência. Segurança Social : <http://www4.seg-social.pt/pensao-de-sobrevivencia> Obtido a 12 de janeiro de 2014
- Joaquim, H. (2008). O Serviço Social nos Centros Sociais e Paroquiais. Lisboa: Stória Editores, Lda.
- Martins, R. (2006). Envelhecimento e políticas sociais. Instituto Politécnico de Viseu: [http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/408/1/Envelhecimento\\_e\\_pol%C3%ADticas\\_sociais.pdf](http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/408/1/Envelhecimento_e_pol%C3%ADticas_sociais.pdf). Obtido em 16 de junho de 2014.
- Nóbile, Cecilia, & Morascia, C. (s/d.). El Trueque como Generador de Cultura Emprendedora. La Plata: Universidad Nacional de La Plata.
- Organização das Nações Unidas. (2016). Declaração Universal dos Direitos Humanos: <http://www.dudh.org.br/wp-content/uploads/2014/12/dudh.pdf> Obtido a 16 de setembro de 2016
- Pimentel, L. (2001). O lugar do idoso na família: contextos e trajetórias. Coimbra: Quarteto .
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1995). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Paris: Gradiva.
- Ribeirinho, C. (2005). Concepções e Práticas de Intervenção Social em Cuidados Sociais no Domicílio. [Dissertação de Mestrado] Lisboa: Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa.
- Santos, M., Cardoso, S., Baptista, M., & Clemente, S. (2012). Estado e políticas sociais sobre a velhice em Portugal. *Análise Social*, pp. 606-630.
- Serrano, G. (1997). Elaboração de Projetos Sociais - Casos práticos. Madrid: Porto Editora.
- Silva, J. (2014). Perfis de redes sociais de pessoas idosas com e sem apoio de respostas sociais. [Dissertação de Mestrado] Coimbra: Instituto Superior Miguel Torga.